

O FRADE MENOR E A SOLIDÃO

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM in <http://www.franciscanos.org.br/v3/almir/artigos/espiritualidade/28.php>

Tu, quando orares, entra no silêncio de teu quarto e fecha a porta e reza ao teu Pai que está no oculto (Mt 6,6) .

Embora estejais a caminho, vosso comportamento seja humilde e digno, como se estivésseis no eremitério ou na cela. Com efeito, onde quer que estejamos ou andemos, temos sempre a cela conosco: pois o irmão corpo é nossa cela e a alma é o eremita que mora lá dentro, na cela, para rezar ao Senhor e meditar sobre ele. Afinal, se a alma não permanecer tranqüila em sua cela, de pouca utilidade será ao religioso a cela construída com as mãos” (Espelho da Perfeição, cap. 65).

Completai em mim a obra começada; ó Senhor vossa bondade é para sempre! Eu vos peço: não deixeis inacabada esta obra que fizeram vossas mãos (Sl 137 (138) 8).

O homem moderno já acha difícil estar só; ir em busca dos fundamentos do seu próprio eu é quase impossível para ele. E quando alguma vez permanece consigo mesmo no cantinho silencioso, e estiver quase chegando ao conhecimento de Deus, ele liga o rádio ou a televisão (Ernesto Cardenal). A solidão é a sala de audiência de Deus (Joaquim Caro Romero)

1. Com as citações que acabamos de fazer os leitores poderiam pensar que vamos abordar o tema o silêncio. O propósito destas linhas, no entanto, é refletir sobre a solidão, de modo especial a solidão dos frades menores. Não são tão raros os frades vivem uma certa solidão um tanto desconfortável. O tema é complexo e amplo, para não dizer ambíguo. Thomas Merton fala da verdadeira solidão que é “o lar da pessoa”. A falsa solidão, de outro lado, seria aquela que é refúgio do individualista, do que busca “divertir-se” no sentido pascaliano do termo, escapando ou fugindo das questões importantes da vida. Esta última tem uma conotação pejorativa e aqueles que sempre a buscam correm o risco de viver, sem viver de verdade, sem terem habitado sua própria interioridade, sem terem “construído” sua verdade. Não tiveram uma vida expressiva.

2. Solidão, isolamento, distanciamento das pessoas e das coisas são realidades nem sempre unívocas. A solidão, na realidade, fez parte da condição humana. Há solidões buscadas e queridas e há outras que são impostas e nem sempre ajudam a crescer. Viuvez, orfandade, exílio, doença levam os seres humanos a experimentar certo amargor de solidão. Penso aqui, de modo particular, na terrível solidão de um doente sem cura no leito de um hospital ou na UTI, sem esperança, sem ninguém, sem ter nem mesmo uma mão que o ajude a morrer ou enxugue o suor de sua fronte.

3. Os que vão envelhecendo, não poucas vezes, reclamam da solidão que a vida lhes impõe. Uns administram bem esta questão. Aquela religiosa idosa, bem idosa, apesar do cansaço, participa da vida de oração de sua comunidade. Na parte da manhã ajuda na cozinha: descasca chuchu, batata e beterraba. Depois do almoço toma sol no jardim, reza o terço e tenta ainda ler alguma coisa. Não se sente sobrando, embora saiba que depende da bondade e do serviço dos outros. Há outras pessoas que se queixam de serem deixadas de lado, não têm vez nem voz, não contam, sentem-se sobrando e vivem com certo amargor. Há mesmo os que entram em depressão e aqueles que agredem o seu entorno. Há os que entram num processo de compulsiva busca de isolamento de tudo e de todos. Não digo solidão, mas isolamento. Mostram-se desencantados com a vida. Experimentam desencontros e sensação de fracasso. Pode ser

que alguns de nossos frades, situados mais para o outono e inverno de suas vidas, experimentem um estado geral de solidão que os machuque e faça deles pessoas mal arrumadas, de mal com a vida, revoltadas ou vivendo um terrível isolamento, buscando nervosamente a companhia das pessoas leigas, procurando afeto, benefícios e nem sempre criando no seio da fraternidade um clima agradável. Por que nossos confrades chegaram aí? Cada pessoa é um mistério...

4. Lancemos um olhar sobre essas casas de idosos. São muitos os asilos e abrigos de anciãos. Há casas sofisticadas e outras sujas, pobres e esses seres bizarros, sentados em cadeiras de roda, bem ou mal lavados, cabelos meio molhados, camisolas de bolinhas ou pijamas de tergal bege, cleans, esperando a hora do almoço, depois com seus babadores, com o olhar vago, perdido no horizonte, alguns lúcidos, outros trocando tudo e provocando em seus familiares um misto de sentimento de cansaço e de compaixão, esses velhos que vão comer ou então alguém lhes dá de comer. Esses seres vivem em profunda solidão imposta pelos anos e pela doença.

5. Vivemos em sociedades que envelhecem, sobretudo na Europa, sociedades cheias de pessoas muito idosas, na filas dos bancos, nos parques e jardins, nas varandas de algumas casas do interior, tanto aqui quanto em outros países. Há pessoas que falam sozinhas, bebem sozinhas, sempre sozinhas.

6. Muitas Províncias de institutos religiosos providenciam o aparelhamento de lugares mais confortáveis para que os nossos maiores sejam bem tratados. Há um esforço sincero dos governos. Outra coisa é saber se as pessoas nessas casas são capazes de viver com serenidade o rompimento com a vida normal, com as atividades que lhes davam a sensação de serem úteis e vencedores na vida. Será que suportam a solidão? O que a vida foi fazendo de nossos frades idosos? Que tipo de formação tiveram eles? Será que esses cursos para nossos maiores resolvem? Ou será que o problema não vem de antes? Qual o relacionamento dos frades idosos com o governo, com os guardiães? Tem-se a impressão que os religiosos que tiveram trabalhos “particulares”, aqueles que foram considerados salvadores das obras da congregação, experimentam dificuldade no envelhecimento e se tornam pessoas exigentes e nem sempre fáceis de serem “carregadas”. Será que o Senhor pode completar neles o que falta ainda da obra iniciada quando ingressaram em nosso gênero de vida?

7. No mundo de hoje há pessoas jovens e na idade madura que se isolam. Agora estou falando de isolamento e não propriamente de solidão. Nem mesmo os vizinhos tais pessoas querem conhecer. Não se deseja estabelecer laços. Nos elevadores as pessoas mal e mal se cumprimentam. Vivemos a era do individualismo. Um autor espanhol assim escreve: “Quando multidões de seres humanos pululam pelas ruas das grandes cidades sem que ninguém os chame pelo nome, sem saber de que história fazem parte, ou para onde se dirigem, o ser humano perde os vínculos que os ligavam à história. Já não vive diante de seu povo, de seus vizinhos, de seu Deus, mas angustiantemente perdido no meio de uma multidão cujos valores desconhece, e de cuja história pouco compartilha” (Cit. em Sal Terrae, 95 (2007), p. 469). Será que vivemos unidos à Ordem, que amamos a Província, isto é, as vidas humanas dos irmãos? Ajudamos esses confrades a viver? Eles nos acolhem no canto de seu afeto? Ou será que nós também nos sentimos desvinculados???

8. Nossos contemporâneos sentem-se cansados sem fazer nada, ansiosos por novidades, novos relacionamentos, novos lugares; desejosos que as coisas passem, de ter sempre uma coisa exciting e cool para fazer ou para contar. Se não acontece nada, provoca-se para que alguma coisa aconteça... as pessoas querem viver na crista da onda, aproveitando sempre as melhores oportunidades e possibilidades de consumo, de trabalho, de diversão, de felicidade, de subir na vida, de promoção... Há mecanismos

que impedem as pessoas de viverem no tédio e na rotina, que fazem com que não tropecem nos outros... As pessoas vivem comprando, redecorando a vida, viajando, mudando de look, fazendo-se liftings, lipoaspirações ou plásticas no rosto, na narinas e no ventre. Os que não podem fazer isso vivem numa terrível solidão (cf. supra, p. 478).

9. Estas reflexões lembram as descrições de Cassiano falando da tentação do diabo do meio dia vivida por seus religiosos. Os monges levantavam cedo, trabalhavam, o sol parecia lento, o calor pesava, o tédio, nada acontecendo, experimentavam desânimo. Não habitavam seu interior. Um pouco como muitos de nossos contemporâneos.

10. Pode ser que alguns frades, não tão idosos vivam situações existenciais como as que acabamos de elencar. São jovens. Estão nos dez primeiros anos de profissão ou de sacerdócio. Foram designados para esta ou aquela casa. Exercem um determinado trabalho que escolheram ou uma função que lhes foi designada. Vivem, correm, estudam, fazem balancetes, pagam contas, celebram a missa, casamentos, visitam doentes, vivem... Nem sempre esses frades experimentam uma harmonia interior. Tiveram uma formação inicial razoável. Talvez tenham jogado para debaixo do tapete os problemas interiores que depois vieram à tona. E o frade se sente distanciado da casa, da Província. É hóspede e estrangeiro no seu próprio convento. Estamos diante da questão do senso de pertença, da profunda ligação a um grupo de referência. Vivendo em fraternidades o frade não está bem. Não foi capaz de criar com os outros um verdadeiro nós. Deixa a Ordem ou então vive por viver, fixando-se numa atividade quase profissional, sem referências a uma mística. Com jeito entra num esquema de simpatia para com o carreirismo...

11. Ora, na verdade não somos tão independentes assim. Ou melhor dizendo, precisamos dos outros. Como frades vivemos nossa história em fraternidades, com irmãos que nos foram dados. Nossa época está a nos convidar a viver como se fôssemos independentes, e por fim, acabamos de fato sendo independentes. Frades que viveram a vida toda com suas ocupações, seus trabalhos, os quase “intransferíveis”, os “indispensáveis” aqui e ali, os que batiam os pés, aos poucos, foram se sentindo deixados de lado, sem o afeto de uma fraternidade, tratados com respeito e nada mais. E aí a solidão...

12. O ser humano precisa sempre cultivar seu interior e aprender a viver em solidão, no sentido positivo do termo. Primeiramente será necessário insistir que não conseguimos nunca uma comunhão plenamente satisfatória entre as pessoas. Por mais que vivamos em comunidades, como a comunidade do casal, da família, de nossas casas franciscanas, sabemos que sempre teremos dificuldade em exprimir tudo o que se passa em nós. Somos fundamentalmente pessoas abertas aos outros, mas também solitárias. Não é bom que o homem esteja só. Não podemos, no entanto, alimentar uma espécie de desejo de fusão. Somos sempre outros, diferentes, que tentamos construir o bem querendo na diversidade, na alteridade.

13. A solidão da pessoa consagrada não tem sentido se não for acompanhada intimamente por Deus, ou seja, uma solidão habitada. Há os que se fazem eunucos pelo Reino de Deus, estes que não se casam, mas que precisam viver a comunhão com o Amado e gastar-se pelos outros, não apenas em serviços quaisquer. E por isso essa intimidade com o Senhor será de importância capital. Os sucessos profissionais e os aplausos dos circunstantes não bastam. Será preciso, ao longo da vida, cultivar esta intimidade com o Senhor. Trata-se de uma união amorosa e gozosa. Esta intimidade com o Senhor se alimentará na oração. Não é aqui o lugar de fazer um discurso sobre o tema e um tratado sobre a oração. Certamente frades que abandonaram a meditação regular, silenciosa, a leitura espiritual dos textos franciscanos, a convivência com o

Senhor depois da missa e em outros momentos são fadados a experimentar uma sorte de enfado, de tédio, de desgosto pelas coisas de Deus. Não poucas vezes e durante anos frades se limitam ao mínimo. Não é aqui lugar de julgar. Correria, missa, sacristia cheia, missa com ruídos, missa sempre pensando nos outros, sem uma preparação, sem uma ação de graças...O ofício divino rezado rapidamente porque se tem pressa, muito pressa.... retiros que não verdadeiros retiros, mas encontros e pouco mais do que encontros. Será que essa oração alimenta uma existência, será que um certo mal estar dos frades jovens e idosos não se explicaria por tudo isso? Dizem que Adélia Prado teria feito uma observação mais ou menos assim: há pessoas que depois de participarem da missa dizem que precisam procurar um lugar para rezar.... Ou seja parece que há missas em que as pessoas não rezam. Uma tal afirmação seria cômica, se não fosse trágica... E como frades podem se dar por satisfeitos com o mínimo e um mínimo nem sempre suculento?

14. Talvez hoje, mais do que nunca, deveríamos retomar o hábito da leitura espiritual. Ou quem sabe, da lectio divina tão recomendada ultimamente. O Ministro Geral no seu texto “Guiados pela Palavra. Mendicantes de Sentido escreve: “A leitura orante da Palavra é essencial e indispensável para o crescimento da fé naqueles que se dizem discípulos e missionários do Verbo do Pai e, sobretudo, de todos os que professamos o Evangelho como nossa regra e vida (RB 1,1) De fato, como já dissemos, é verdade que a celebração litúrgica é o lugar em que o naquele tempo se transforma em hoje, também é verdade que, particularmente através da leitura orante da Palavra, nos apropriamos dela e a personalizamos, deixando-nos instruir pelo próprio Deus. Na liturgia, Deus fala ao povo; na leitura orante da Palavra, Deus fala a mim diretamente: e aquilo que na liturgia é diálogo com o povo, na leitura orante da Palavra esse diálogo se faz único e pessoal. Se a liturgia manifesta visivelmente a Igreja, a leitura orante da Palavra permite que cada um se sinta Igreja; Eu Igreja, dizia São Bernardo(n. 23).

15. Pode acontecer que o frade, relativamente jovem ou já mais avançado em idade, não tenha tido ocasião de cultivar esse relacionamento pessoal com o Senhor. Insisto no termo pessoal. Não podemos simplesmente crescer em grupo, tribalmente, grupalmente. A opção pela vida franciscana requer uma decisão pessoal, alimentada, e sempre reexaminada. Evidentemente que os encontros da formação permanente, a realização do capítulo local, os encontros da fraternidade poderão contribuir para que o frade consiga o seu intento: observar o evangelho vivendo em pobreza, obediência castidade, em fraternidades, para fazer penitência e anunciar o Reino do Amor que precisa ser amado. Frei Constantino Koser, em suas conversas de corredor e no refeitório insistia nesse pormenor: entramos na Ordem para transformar nossa vida, para fazer penitência e emendar nossa vida.Trata-se de habitar o interior para que o interior não fique uma sala vazia. Habitá-lo com a presença do Amado.

16. Talvez se devesse pensar em voltar à direção espiritual. Não se trata de ter a vida teleguiada por outra pessoa tão frágil como nós mesmos. Mas ninguém, sobretudo, os jovens logo depois da profissão ou da ordenação., pode se considerar formado. Necessário seria poder contar a vida a um outro, narrar sua história sem rompantes de narcisismo, mas com confiança. Pedir que alguém nos escute para que não caminhemos a esmo e para que o barco de nossa vida não se encontre à deriva. Talvez essa providência pudesse nos ajudar a ajustar as coordenadas de nossa vida franciscana, e não apenas ter uma pertença exterior à Ordem ou à Província. Abrir-se a um outro, de modo especial, um confrade seria uma medicina contra erros, desvios e futuras solidões.

17. “Hoje em dia temos bastante compreensão para o significado da confidência como remédio. Muitas pessoas, precisamente por serem hoje incapazes de verdadeira

comunicação, precisam reaprender a confidenciar, a fim de com isto liberarem-se de suas tensões interiores. Para muitos constitui um problema o fato de não poderem falar sobre aquilo que os fere no mais íntimo de si. Engolem tudo, engolem a raiva, a dor e a decepção, ficam interiormente amargurados, chegando ao ponto de contraírem úlceras gástricas. Para esses seria importante que aprendessem a falar sobre si e sobre suas feridas” (A. Grün, As exigências do silêncio, Vozes 2004, p 17-18).

18. A Ordem se preocupa com o tema que abordamos no contexto da formação permanente. Em recente documento do Secretariado para a Formação e os Estudos (Siete stati chiamati a libertà/Roma 2008) fala-se do acompanhamento das diferentes idades da vida, precisamente no contexto da formação permanente: “As diversas “estações” da vida e os diferentes ministérios exercidos pelos frades exigem uma nova resposta. Daí decorre a necessidade de um acompanhamento e de uma formação diversificada, porque cada situação tem suas próprias necessidades, suas possibilidades e seus desafios. Por isso, a formação permanente não pode ser universal nem em seus conteúdos, nem em suas proposições, não podendo também se limitar a um período da vida, mas deve se diversificar por etapas, segundo as idades da vida, sem excluir a unidade substancial de um itinerário de formação para toda a Entidade, valendo isso para ao nível dos temas e das escolhas pedagógicas. Por isso, cada vez mais é necessário testar itinerários diferenciados, também a nível interprovincial: acompanhamento durante os primeiros anos de profissão solene e de ordenação: esta etapa requer uma atenção especial, sobretudo na escolha do temário, nas modalidades concretas e na escolha dos frades disponíveis para seu acompanhamento; acompanhamento da meia idade; período em que, com a maturidade vocacional e a plena inserção nos diferentes serviços fraternos, pode surgir uma tendência ao individualismo e ao isolamento que está na raiz das diferentes formas de cansaço e dependência, podendo haver a evidência de carências de cunho afetivo, que levariam a um questionamento da opção vocacional; acompanhamento dos idosos e doentes, especial atenção voltada para a 3ª. e 4ª. idades e aos irmãos enfermos e às problemáticas específicas para este período da vida; acompanhamento dos períodos de mudança e de crise (mudança de trabalhos e de lugares, situações de saúde e existenciais, etc,), através de discernimento evangélico, ler e reconhecer as “feridas” dos frades e a ajudar cada indivíduo a fazer uma leitura e uma narração da própria história à luz da Palavra de Deus, empregando de diferentes modelos de acompanhamento pessoal; favorecer os encontros informais; partilhar seus estados de alma reais, suas esperanças, seus sonhos e suas expectativas...” (n.42-43).

19. Estamos todos convencidos que os frades precisam se encontrar. Não é aqui o lugar para fazer um tratado a respeito do convívio fraterno. Falamos sempre no capítulo da fraternidade. Que ele seja necessário, não se discute. Mas como é feito? Há textos de formação, bons e menos bons. São feitas leituras. Costuma haver um momento de partilha. Poucos falam. Os frades têm receio de se expor. Mas há ainda alguma mais grave. Como não visitamos mais o nosso interior não temos muita coisa a dizer. Nem sempre estamos recolocando diante de nossos olhos uma questão fundamental: “Senhor, o queres de mim?” Pode acontecer que esse instrumento que se chama capítulo conventual seja pesado, inócuos porque temos o coração vazio, sem entusiasmo, sem mística. Ouvimos relatórios, prestações de contas. Não basta estar presente no capítulo local, nem no ofício. Necessário se faz que os frades sejam habitados por Deus ou pelo desejo de Deus. A solidão negativa se dá porque não buscamos a solidão positiva.

20. Ouvimos sempre dizer que a vocação é uma graça. Deus nos chama. Num determinado contexto de nossas existências tivemos a convicção de que era isso que queríamos de todo o coração, ou seja, sermos discípulos de Cristo à maneira de Francisco. O Senhor começava a realizar sua obra em nós: a intimidade com ele, a vida

fraterna, o gosto pela vida franciscana, os primeiros amores, o zelo pela missão, a alegria do seguimento. Tínhamos convicção de que o Senhor agia em nós. Que ele possa completar ainda a obra que começou.

21. Vamos chegando ao termo de nossas reflexões com a certeza de não termos dito, nem mesmo o essencial. Precisamos de silêncio, precisamos reaprender a rezar, precisamos nos encontrar conosco mesmos, precisamos habitar nosso coração, redescobrir o gosto pela leitura, pela prestação de pequenos serviços, pela delicadeza para com os irmãos. Que ninguém fique contrariado se tomo a liberdade de dizer simplesmente que necessitamos estar em nossas celas. Sei que não somos monges. “A cela é terra santa e o lugar santo no qual o Senhor e seu servo dialogam entre si, como um homem faz com um amigo, e no qual a alma fiel está unida à Palavra de Deus, como a esposa se une ao esposo, como o celestial ao terreno e como o divino ao humano” (Guilherme de Saint Thierry, Epístola áurea).

22. Ficamos um tanto irritados quando ouvimos falar tanto de fraternidade. Quero, no entanto, terminar estas reflexões com um texto de nosso Padre Geral agora reeleito sobre o tema da fraternidade e amizade. Os frades seriam menos solitários, no sentido negativo do termo, se ao longo do tempo de sua vida, pudessem ter vivido ou quisessem ter vivido a mútua amizade. Palavra forte e palavra que merece reflexão: “Na vida de nossas Fraternidades locais, provinciais e na Fraternidade universal é fácil constatar a existência de grupos fechados, nascidos de interesses particulares ou por simples amizade que não leva em conta a dimensão de fé suposta por nossa fraternidade. Em ambos os casos, geram-se divisões que pouco ou nada têm a ver com uma fraternidade franciscana que se auto-define como “família unida em Cristo”, na qual antes de mais nada, deve-se procurar amar a Deus, e na qual os Frades devem procurar aceitar-se uns aos outros em sua realidade própria, assim como são e na base da igualdade, embora dotados de caráter, cultura, costumes, talentos, faculdades e qualidades diferentes; acima da amizade e do interesse (...). A verdadeira fraternidade nasce e se alimenta da experiência da vida trinitária e é proporcional à profundidade desta experiência (...). Daí a necessidade de uma autêntica vida de oração em fraternidade que não se reduza a mero cumprimento de normas e regulamentos, mas seja também manifestação e alimento de nossa vida fraterna. O progresso na vida fraterna em comunidade anda passo a passo com a caminhada de fé de cada irmão e a caminhada da fé da Fraternidade. Se faltar a fé como fundamento da Fraternidade, mais cedo ou mais tarde ela desaparecerá e seu lugar será ocupado por um grupo de amigos ou por uma comunidade de trabalho ou por um conjunto de indivíduos com o fim de satisfazer os próprios interesses e que, quando isto não acontecer, transformar-se-á num campo de batalha, no qual os mais fracos serão derrotados” (Relatório do Ministro Geral, Capítulo Geral Extraordinário, 2006, n. 54)

Perguntas que pairam no ar...

- Como explicar que alguns frades, não tão idosos, vivam uma sensação de solidão e busquem apoios externos, colocando sua vocação em perigo?
- Nosso capítulo da fraternidade consegue unir os frades e fortalecer o dom precioso de nossa vocação franciscana?
- O que se esperaria concretamente da figura do irmão guardião para integrar os irmãos e criar um senso de pertença? E da formação permanente?

- Como podemos pessoalmente nos preparar para o tempo da velhice? Quais as providências que a comunidade provincial pode tomar no sentido de fazer com que os frades envelheçam belamente e permitam que Deus complete neles a obra começada?
- Retomar as considerações do Padre Geral ao número 22. Como evitar em nossas fraternidades o surgimento de grupinhos de amigos que buscam seus interesses pequenos deixando de lado os irmãos que passam a viver sentimento de exclusão e de solidão?